

PHILIP ROTH

CASEI COM UM COMUNISTA

Tradução

Rubens Figueiredo



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1998 by Philip Roth

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

I Married a Communist

Capa

Jeff Fisher

Revisão

Larissa Lino Barbosa

Renato Potenza Rodrigues

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roth, Philip

Casei com um comunista / Philip Roth ; tradução Rubens Figueiredo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2014.

Título original: I Married a Communist.
ISBN 978-85-359-2512-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-10567

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

O IRMÃO MAIS VELHO DE IRA RINGOLD, Murray, foi meu primeiro professor de inglês na escola secundária e foi por intermédio dele que fiquei amigo de Ira. Em 1946, Murray acabara de voltar do exército, onde servira na décima sétima Divisão Aero-transportada, na batalha de Bulge; em março de 1945, dera o famoso pulo para o outro lado do rio Reno, que assinalou o começo do fim da guerra na Europa. Ele era, naquele tempo, um cara atrevido, desaforado, careca, não tão alto quanto Ira, mas esguio e atlético, que pairava acima de nossas cabeças num estado de vigilância perpétua. Era completamente natural em suas maneiras e atitudes, ao passo que na fala se mostrava verbalmente copioso e intelectualmente quase ameaçador. Sua paixão era explicar, esclarecer, fazer-nos compreender, e o resultado era que desmontava cada novo assunto de nossas conversas em seus componentes principais da mesma forma meticulosa como analisava frases no quadro-negro. Tinha um talento especial para dramatizar o interrogatório, lançar um poderoso feitiço narrativo mesmo quando era estritamente analítico e esmiuçar em voz alta, no seu jeito lúcido, aquilo que líamos e escrevíamos.

A par da musculatura e da inteligência ostensiva, o sr. Ringold trazia para a sala de aula uma carga de espontaneidade visceral que representava uma revelação para garotos submissos, domesticados, que ainda não haviam compreendido que obedecer às regras de decoro de um professor nada tinha a ver com o desenvolvimento mental. Havia uma importância talvez maior do que ele mesmo imaginava em seu gosto cativante de atirar o apagador em nossa direção quando a resposta que dávamos errava o alvo. Ou talvez não. Talvez o sr. Ringold soubesse muito bem que garotos feito eu precisavam aprender não só a se

expressar com precisão e adquirir um discernimento mais agudo em relação às palavras, como também a ser bagunceiro sem ser burro, não ser reservado demais nem comportado demais, começar a desvencilhar os ímpetos masculinos da retidão institucional que intimidava sobretudo os garotos inteligentes.

Nós, alunos, sentíamos, no sentido sexual, a força de um professor de escola secundária como Murray Ringold — a autoridade masculina sem os embaraços da piedade — e, no sentido clerical, a vocação de um professor de escola secundária como Murray Ringold, que não estava perdido no meio da amorfa mania americana de grandeza e riqueza, um professor que — ao contrário das mulheres professoras — poderia ter escolhido ser quase qualquer outra coisa que quisesse e em vez disso escolhera, como sua profissão para o resto da vida, ser nosso. Tudo o que ele desejava, o dia inteiro, era lidar com jovens que pudesse influenciar, e o grande barato de sua vida era obter deles uma reação positiva.

Não que a impressão de liberdade deixada em mim por seu estilo arrojado de dar aula fosse aparente, na época; nenhum garoto pensava desse jeito sobre a escola ou sobre os professores ou sobre si mesmo. No entanto uma aspiração de independência social incipiente deve ter sido, até certo ponto, alimentada pelo exemplo de Murray, e eu lhe disse isso quando, em julho de 1997, pela primeira vez desde que me formei na escola secundária em 1950, o encontrei, já com noventa anos de idade, mas em todos os aspectos ainda o professor cuja missão é, realisticamente, sem autoparódia nem exageros dramáticos, personificar para seus alunos o lema do homem independente, “não estou ligando a mínima”, ensinar-lhes que não é preciso ser o Al Capone para transgredir — basta *pensar*.

— Na sociedade humana — ensinava-nos o sr. Ringold — pensar é a maior transgressão que existe.

— Pen-sa-men-to crí-ti-co — dizia o sr. Ringold, usando o nó dos dedos para martelar cada sílaba na sua mesa —, eis a subversão suprema.

Contei a Murray que ouvir isso, bem cedo na vida, de um

cara másculo como ele — ver isso *demonstrado* por ele — significara, para mim, o acesso a uma classe particularmente preciosa para o crescimento, embora eu não o compreendesse inteiramente, como aluno de escola secundária provinciano, mimado e escrupuloso, ávido para ser racional, importante e livre.

Murray, em compensação, me contou tudo o que eu, sendo garoto, não sabia e não podia ter sabido acerca da vida particular do seu irmão, uma grande infelicidade, repleta de farsa, sobre a qual Murray às vezes ficava meditando, apesar de Ira ter morrido, naquele momento, havia mais de trinta anos.

— Milhares e milhares de americanos destruídos naquele tempo, baixas políticas, baixas históricas, por causa de suas crenças — disse Murray. — Mas não me lembro de ninguém que tivesse sido destroçado como aconteceu com Ira. Não foi no grande campo de batalha americano, que ele mesmo teria escolhido para a sua destruição, que isso aconteceu. Talvez, a despeito da ideologia, da política e da história, uma catástrofe genuína seja sempre, em seu cerne, um anticlímax pessoal. A vida não pode ser acusada de nenhuma deficiência quando se trata de banalizar as pessoas. Temos de tirar o chapéu para a vida, em homenagem às técnicas de que ela dispõe para despojar um homem de toda a sua relevância e esvaziá-lo completamente de seu orgulho.

Murray também contou, quando lhe perguntei, como havia se despojado da *sua* relevância. Eu conhecia a história em linhas gerais, mas sabia poucos detalhes porque comecei meu serviço militar — e em seguida fiquei longe de Newark durante anos — depois que me formei na faculdade, em 1954, e os tormentos políticos de Murray só se desencadearam a partir de maio de 1955. Começamos com a história de Murray e foi só no fim da tarde, quando perguntei se gostaria de ficar para jantar, que ele pareceu sentir, em consonância comigo, que nossas relações haviam passado para um plano mais íntimo e que não seria impróprio ele ir em frente e falar abertamente do irmão.

Perto de onde moro, no oeste da Nova Inglaterra, uma pequena universidade chamada Athena promove uma série de pro-

gramas de verão para idosos, com uma semana de duração, e Murray se matriculou como aluno, aos noventa anos, para um curso com o título pomposo de “Shakespeare no milênio”. Foi assim que topei com ele no centro da cidade, no domingo em que chegou — não o tendo reconhecido, tive a sorte de ele me reconhecer —, e foi assim que passamos seis noites juntos. Foi assim que, dessa vez, o passado se manifestou, sob a forma de um homem muito velho cujo talento consistia em não ficar remoendo seus problemas mais do que eles mereciam, e que ainda não podia desperdiçar seu tempo conversando, a menos que se tratasse de coisa séria. Uma obstinação palpável conferia a sua pessoa uma plenitude indestrutível, e isso apesar da poda radical executada pelo tempo em seu velho físico atlético. Olhando para Murray enquanto falava naquele seu jeito meticoloso e desembaraçado tão meu conhecido, pensei: Aí está — a vida humana. Eis a capacidade de resistir.

Em 1955, quase quatro anos depois de Ira entrar na lista negra do rádio por ser comunista, Murray foi despedido do cargo de professor pelo Conselho de Educação por recusar-se a cooperar com o Comitê de Atividades Antiamericanas do Congresso quando ele esteve em Newark para quatro dias de interrogatórios. Foi reempossado, mas só depois de uma luta jurídica de seis anos, que terminou com uma votação de cinco a quatro no supremo tribunal do estado, reempossado com direito aos salários atrasados, subtraída a quantia que ganhara nesses seis anos como vendedor de aspirador de pó para sustentar a família.

— Quando não se sabe mais o que fazer — disse Murray, com um sorriso —, vende-se aspirador de pó. De porta em porta. Aspiradores de pó Kirby. Entorna-se um cinzeiro bem cheio em cima do tapete e depois limpa-se tudo com o aspirador. Passa-se o aspirador na casa inteira. Era assim que vendíamos o troço. Limpei com aspirador de pó metade das casas de New Jersey, na minha época. Olhe, eu tinha um monte de simpatizantes, Nathan. Tinha uma esposa cujas despesas médicas eram constantes e tivemos uma filha, mas fiz uma porção de bons

negócios e vendi um monte de aspiradores de pó. E apesar dos problemas de escoliose de Doris, ela voltou a trabalhar. Voltou ao laboratório do hospital. Lidava com sangue. No fim, acabou diretora do laboratório. Naquele tempo não havia separação nenhuma entre o trabalho técnico e as artes médicas, e Doris fazia de tudo: retirava o sangue, lambuzava as lâminas do microscópio. Muito paciente, muito competente com um microscópio. Bem treinada. Observadora. Cuidadosa. Preparada. Costumava ir do hospital Beth Israel para casa, logo ali do outro lado da rua, e preparar o jantar ainda com o jaleco do laboratório. Nunca ouvi falar de outra família além da nossa que servisse os temperos da salada em frascos de laboratório. O frasco erlenmeyer. Mexíamos o café com pipetas. Todos os nossos copos vinham do laboratório. Quando nosso dinheiro ficou mais curto, Doris deu um jeito de equilibrar o orçamento da casa. Juntos, conseguimos tocar o barco.

— E vieram atrás de você porque era irmão de Ira? — perguntei. — Foi isso o que sempre imaginei.

— Não posso dizer com certeza. Ira achava que sim. Talvez tenham caído em cima de mim porque nunca me comportei como supunham que um professor devesse se comportar. Talvez tivessem caído em cima de mim de qualquer jeito, mesmo sem Ira. Comecei como agitador, Nathan. Ardia de zelo para estabelecer a dignidade da minha profissão. Talvez tenha sido isso o que os irritou, mais do que qualquer outra coisa. A indignidade pessoal que tínhamos de suportar como professores quando comecei a dar aula, você nem ia acreditar. Ser tratado como criança. Tudo o que os superiores dissessem era lei. Incontestável. Você vai chegar aqui a tal hora, vai assinar o livro de ponto na hora certa. Vai passar tantas horas na escola. E será chamado para tarefas à tarde e à noite, mesmo sem estar no contrato. Todo tipo de aporrinhção. A gente se sentia de-negrado.

“Eu me empenhei para organizar nosso sindicato. Rapidamente, subi para a liderança do Comitê, ocupei postos executivos no conselho diretor. Eu não tinha papas na língua, às vezes,

admito, era bastante falastrão. Achava que sabia todas as respostas. Mas queria que os professores ganhassem respeito. Respeito e honorários dignos por seu trabalho, e tudo isso. Os professores tinham problemas com os salários, as condições de trabalho, os benefícios sociais...

“O superintendente das escolas não ia nem um pouco com a minha cara. Eu me destacara no movimento para rejeitar a promoção dele à superintendência. Apoiei outro cara, e ele perdeu. Por isso, porque não fiz nenhum segredo de minha oposição àquele filho da mãe, ele odiava a minha cara, e em 1955 a coisa ficou preta e fui convocado para ir ao centro da cidade, ao prédio do governo federal, para uma reunião do Comitê de Atividades Antiamericanas do Congresso. Para testemunhar. O presidente do Comitê era o deputado Walter. Dois outros membros do Comitê vieram com ele. Vieram três deles, lá de Washington, com o advogado. Investigavam a influência comunista em tudo, na cidade de Newark, mas investigavam principalmente o que denominavam ‘a infiltração do partido’ nos sindicatos e no ensino. Tinham feito uma varredura em todo o país com aqueles interrogatórios — Detroit, Chicago. Sabíamos que eles estavam vindo. Era inevitável. Liquidaram nosso assunto, o dos professores, num dia, o último, uma quinta-feira de maio.

“Prestei testemunho durante cinco minutos. ‘Você é ou já foi algum dia...?’ Recusei-me a responder. Ora, por que não responde?, perguntaram. Nada tem a esconder. Por que não põe tudo em pratos limpos? Só queremos informações. É só por isso que estamos aqui. Redigimos as leis. Não somos uma corporação feita para punir. E assim por diante. Mas, em meu modo de entender a Carta de Direitos, minhas crenças políticas não eram da conta deles, e foi o que eu lhes disse: ‘Não é da conta de vocês’.

“Antes, naquela mesma semana, eles tinham ido atrás da União dos Eletricitários, o antigo sindicato de Ira, lá em Chicago. Na segunda-feira de manhã, mil membros do sindicato vieram de Nova York em ônibus fretados para fazer um pique-

te em frente ao hotel Robert Treat, onde os membros do Comitê estavam hospedados. O *Star-Ledger* descreveu a presença dos piqueteiros como ‘uma invasão de forças hostis ao inquérito do Congresso’. Não uma demonstração legal, garantida pelos direitos assentados na Constituição, mas uma *invasão*, como Hitler fez na Polônia e na Tchecoslováquia. Um dos deputados do Comitê declarou à imprensa — e sem o menor sinal de constrangimento com o sorrateiro antiamericanismo da sua observação — que um monte de manifestantes cantava em espanhol, prova, para ele, de que não sabiam o significado dos cartazes que portavam, que eram ‘inocentes úteis’, ignorantes manipulados pelo Partido Comunista. O sujeito tomou coragem com base no fato de que os manifestantes eram mantidos sob a vigilância do ‘esquadrão antissubversivo’ da polícia de Newark. Depois que a caravana de ônibus passou pelo condado de Hudson, no caminho de volta para Nova York, dizem que algum maioral da polícia de lá teria declarado: ‘Se eu soubesse que eram comunas, teria enfiado todo mundo na cadeia’. Essa era a atmosfera local, e era isso o que aparecia na imprensa, na época em que fui interrogado, o primeiro a ser convocado na quinta-feira.

“Quase no fim dos meus cinco minutos, em face de minha recusa em cooperar, o presidente disse que estava decepcionado de ver que um homem de minha instrução e discernimento não se mostrasse disposto a colaborar com a segurança de seu país, revelando ao Comitê aquilo que eles desejavam saber. Ouvi aquilo em silêncio. O único comentário hostil que fiz foi quando um daqueles sacanas me saiu com esta: ‘Senhor, ponho em dúvida a sua lealdade’. Eu lhe disse: ‘E eu, a sua’. O presidente me disse que, se continuasse ‘insultando’ algum membro do Comitê, me poria para fora. ‘Não temos de ficar aqui’, disse ele, ‘ouvindo suas evasivas e suas ofensas.’ ‘Nem eu’, retruquei, ‘tenho de ficar aqui ouvindo as *suas* ofensas, senhor Presidente.’ Foi o pior ponto a que a coisa chegou. Meu advogado sussurrou para eu calar a boca e esse foi o fim de minha aparição. Fui perdoado.

“Mas quando me levantei para me afastar da cadeira, um dos congressistas me chamou, creio que para provocar algum desacato de minha parte: ‘Como é que o senhor pode ser pago com o dinheiro dos contribuintes quando está obrigado, por seu maldito juramento comunista, a ensinar a doutrina soviética? Como, em nome de Deus, o senhor pode ser um homem livre e ensinar aquilo que os comunistas impõem? Por que não sai do partido e volta para o bom caminho? Faça-lhe um apelo, retome o jeito americano de viver!’.

“Mas não mordi a isca, não lhe disse que o que eu ensinava não tinha a ver com as imposições de coisa nenhuma que não fosse literatura e redação, porém, no final, parece não ter importado muito o que eu disse ou não disse: naquela noite, na última edição de esportes, lá estava minha fuça estampada na primeira página do *Newark News*, acima da legenda ‘Testemunha se cala na devassa dos Vermelhos’, e o comentário: “‘Não vou engolir sua conversa-fiada”, diz o membro do Comitê para o professor de Newark’.

“Ora, um dos membros do Comitê era deputado pelo estado de Nova York: Bryden Grant. Você se lembra dos Grant, Bryden e Katrina. Os americanos do país inteiro se lembram dos Grant. Pois bem, os Ringold eram os Rosenberg para os Grant. Aquele bonitão de sociedade, aquela nulidade perniciosamente simplesmente destruiu nossa família. E você quer saber por quê? Porque, certa noite, Grant e a esposa estavam numa festa oferecida por Ira e Eve na rua Onze, oeste, e Ira pegou no pé de Grant do jeito que só ele sabia fazer. Grant era cupincha de Werner von Braun, ou pelo menos Ira imaginava que fosse, e ele resolveu pegar pesado com o sujeito. Grant era o exemplo acabado do cara da classe alta decadente, bem do tipo que dava nos nervos de Ira. A esposa escrevia aqueles romances populares que as senhoras devoravam e Grant ainda era colunista do *Journal-American*. Para Ira, Grant era a encarnação do rico mimado. Não conseguia suportá-lo. Cada gesto de Grant dava enjoo em Ira, e sua posição política era, para ele, abominável.

“Pois bem, aconteceu uma cena tremenda, escandalosa, Ira

berrou e xingou Grant, e pelo resto da vida Ira alimentou a convicção de que uma vendeta de Grant contra nós tivera início aquela noite. Ira tinha um jeito de se expor sem disfarces. Mostrava logo a cara, não deixava nada por dizer, não precisava que ninguém lhe desse nenhum pretexto. Para vocês, esse era o magnetismo de Ira, mas era também o que o tornava repulsivo para seus inimigos. E Grant era um de seus inimigos. A briga toda demorou três minutos, mas, segundo Ira, três minutos que selaram seu destino, e o meu também. Ele tinha humilhado um descendente de Ulysses S. Grant, formado em Harvard, empregado de William Randolph Hearst, isso sem dizer que era marido da autora de *Heloisa e Abelardo*, o maior best-seller de 1938, e de *A paixão de Galileu*, o maior best-seller de 1942 — e para nós a coisa ficou preta. Estávamos acabados: ao insultar publicamente Bryden Grant, Ira desafiara não só as credenciais do marido impecável como também a inexaurível necessidade que a esposa tinha de estar com a razão.

“Só que não tenho certeza de que isso explique tudo — e não porque Grant fosse menos irresponsável na utilização do poder do que o resto da quadrilha do Nixon. Antes de entrar para o Congresso, ele assinou aquela coluna para o *Journal-American*, uma coluna de fofocas publicada três vezes por semana, sobre Broadway e Hollywood, com uma pitada de maledicência contra Eleanor Roosevelt. Foi assim que começou a carreira de Grant no serviço público. Foi isso que o qualificou tão elevadamente para uma cadeira no Comitê de Atividades Antiamericanas. Era um colunista de fofocas antes que isso se tornasse o grande negócio que é hoje. Estava lá desde o início, na crista da onda dos grandes pioneiros. Tinha o Cholly Knickerbocker, o Winchell, o Ed Sullivan e o Earl Wilson. Tinha o Damon Runyon, tinha o Bob Considine, tinha a Hedda Hopper —, e Bryden Grant era o esnobe da galera, não o brigão de rua, não o zé-ninguém, não o bicão conversa-mole que vivia o tempo todo no Sardi's, ou no Jóquei Clube Brown, ou na academia de ginástica Stillman, mas o sangue azul para a plebe, que circulava o tempo todo no Racquet Club.

“Grant começou com uma coluna intitulada ‘Informe confidencial de Grant’ e, se você está lembrado, acabou quase chefe da equipe da Casa Branca, de Nixon. O deputado Grant era o favorito de Nixon. Participou, como Nixon fizera, do Comitê de Atividades Antiamericanas. Executou boa parte das chantagens e intimidações de Nixon no Congresso. Lembro quando a nova administração Nixon fez circular o nome de Grant como candidato a chefe da equipe de governo, em 1968. É uma pena que tenham desistido. A pior decisão que Nixon tomou. Se Nixon tivesse percebido a vantagem política de nomear, em lugar de Haldeman, aquele barãozinho fofoqueiro de aluguel para comandar a operação de encobrir Watergate, a carreira de Grant poderia ter acabado atrás das grades. Bryden Grant na cadeia, numa cela entre Mitchell e Ehrlichman. O túmulo de Grant. Mas isso nunca aconteceu.

“Dá para ouvir o Nixon entoando loas para Grant nas fitas da Casa Branca. Está lá nas transcrições. ‘O coração de Bryden está no lugar certo’, diz o presidente para Haldeman. ‘E ele é durão. Fará qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo.’ Diz a Haldeman qual o lema de Grant sobre como lidar com os inimigos do governo: ‘Destruí-los na imprensa’. Depois, admiravelmente — um epicurista da difamação perfeita, da calúnia que arde com uma chama dura, feito uma pedra preciosa —, o presidente acrescenta: ‘Bryden tem o instinto do matador. Ninguém faz um trabalho mais maravilhoso do que ele’.

“O deputado Grant morreu dormindo, um político velho, rico e poderoso, ainda muito estimado em Staatsburg, Nova York, onde deram seu nome ao campo de futebol americano da escola secundária.

“Durante o interrogatório observei Bryden Grant, tentando acreditar que havia nele algo mais do que um político movido por uma vendeta pessoal, que encontrara na obsessão nacional o meio de acertar as contas. Em nome da razão, vamos atrás de um motivo mais elevado, buscamos um sentido mais profundo — na época eu ainda tinha o hábito de tentar ser razoável em relação às coisas absurdas e de procurar a complexidade nas

coisas simples. Eu exigia um grande empenho de minha inteligência quando na verdade não era preciso esforço nenhum. Pensava: ele *não pode* ser tão mesquinho e baixo quanto parece. Isso não pode ser mais do que um décimo da história completa. Tem de haver nele algo mais além disso.

“Mas por quê? A mesquinharia e a baixaza também podem vir em grande escala. O que poderia ser mais *inexorável* do que a mesquinharia e a baixaza? Por acaso a mesquinharia e a baixaza impedem a pessoa de ser astuta e cruel? Por acaso a mesquinharia e a baixaza prejudicam o objetivo de vir a ser um personagem importante? Você não precisa ter uma visão da vida muito elaborada para se apaixonar pelo poder. Não precisa ter uma visão da vida muito elaborada para *ascender* ao poder. Na verdade, uma visão muito elaborada da vida pode ser a pior barreira, ao passo que *não* ter uma visão muito elaborada pode ser uma vantagem magnífica. Não é preciso evocar infelicidades da infância aristocrática do deputado Grant para entendê-lo. Afinal de contas, esse é o cara que ocupou a cadeira de Hamilton Fish, o inimigo de Roosevelt, no Congresso. Um aristocrata do rio Hudson, como Franklin Delano Roosevelt. Fish foi para Harvard logo depois de FDR. Invejou-o, odiou-o e, como o distrito de Fish incluía o Hyde Park, acabou deputado durante o governo FDR. Um tremendo isolacionista, e burro como ele só. Fish, lá pelos anos 30, foi o primeiro ignorantão de classe alta a ocupar o cargo de presidente do comitê precursor daquele outro Comitê pernicioso. O protótipo do fariseu, do patrioteiro, do aristocrata filho da mãe preconceituoso: assim era Hamilton Fish. E quando redividiram o distrito eleitoral do velho babaca em 1952, Bryden Grant era o seu pupilo.

“Depois do interrogatório, Grant abandonou a tribuna onde os três membros do Comitê e seu advogado estavam sentados e veio depressa em minha direção. Ele é que me dissera: ‘Ponho em dúvida a sua lealdade’. Mas agora sorria, muito simpático — como só Bryden Grant era capaz, como se tivesse inventado o sorriso simpático —, estendeu a mão para mim e assim, por mais repugnante que aquilo fosse, apertei-a. A mão da desrazão;

e razoavelmente, civilizadamente, como os lutadores de boxe tocam as luvas um do outro antes de começar a luta, eu a apertei, e minha filha, Lorraine, ficou horrorizada comigo durante vários dias depois disso.

“Grant disse: ‘Senhor Ringold, viajei até aqui hoje para ajudá-lo a limpar seu nome. Gostaria que tivesse cooperado mais. O senhor não facilita as coisas, mesmo para aqueles de nós que somos solidários com o senhor. Quero que saiba que eu não estava escalado para representar o Comitê em Newark. Mas soube que o senhor ia ser testemunha e pedi para vir, porque achei que não seria nada bom para o senhor se meu amigo e colega Donald Jackson viesse em meu lugar’.

“Jackson era o cara que tinha ocupado o lugar de Nixon no Comitê. Donald L. Jackson, da Califórnia. Um pensador deslumbrante, dado a declarações públicas como ‘Parece-me que chegou a hora de ou ser americano ou não ser americano’. Foram Jackson e Velde que levaram a caçada humana a desentocar subversivos comunistas no clero protestante. Era uma questão nacional premente, para aqueles caras. Depois da saída de Nixon do Comitê, Grant era considerado o ponta de lança intelectual do Comitê, aquele que tirava as conclusões profundas para eles — e, é triste dizer, muito provavelmente era isso mesmo.

“Grant me disse: ‘Achei que talvez pudesse ajudá-lo mais do que o honrado cavalheiro da Califórnia. Malgrado seu comportamento aqui hoje, ainda acho que posso ajudá-lo. Quero que saiba que se você, depois de uma boa noite de sono, resolver que quer limpar seu nome...’.

“Foi aí que Lorraine estourou. Tinha catorze anos. Ela e Doris estavam sentadas atrás de mim e, durante toda a sessão, Lorraine bufava de raiva mais audivelmente até do que a mãe. Bufava e se remexia na cadeira, quase incapaz de conter a agitação em seu corpo de catorze anos. ‘Limpar o nome dele de *quê?*’, exclamou Lorraine para o deputado Grant. ‘O que foi que meu pai *fez?*’ Grant sorriu para ela, benévolo. Era um sujeito de ótima aparência, com todos aqueles cabelos cor de prata, e es-

tava em boa forma física, seus ternos eram os mais caros, feitos na Tripler, e suas maneiras não ofenderiam a mãe de ninguém. Tinha uma voz bonita, de belo timbre, era respeitável, ao mesmo tempo suave e viril, e disse para Lorraine: 'Você é uma filha leal'. Mas Lorraine não ia desistir. E nem Doris nem eu tentamos detê-la de imediato. 'Limpar o nome dele? *Ele* não precisa limpar o nome — não está nem um pouco sujo', disse ela para Grant. 'Você é que está sujando o nome dele.' 'Senhorita Ringgold, a senhorita está um pouco nervosa. Seu pai tem um passado', disse Grant. 'Passado?', exclamou Lorraine. 'Que passado? Qual é o passado dele?' Novamente, ele sorriu. 'Senhorita Ringgold', disse, 'a senhorita é uma moça muito bonita...' 'Se sou bonita, isso não tem nada a ver com o assunto. Qual é o passado dele? O que foi que ele fez? O que é, afinal, que ele tem de limpar? Me diga o que foi que meu pai fez.' 'Seu pai vai ter de nos contar o que fez.' 'Meu pai já falou', disse ela, 'e vocês estão torcendo tudo o que ele diz para que pareça um monte de mentiras, para que ele pareça ruim. O nome dele *está* limpo. Ele pode ir dormir tranquilo, à noite. Não sei como é que você faz. Meu pai serviu seu país melhor do que ninguém. Sabe muito bem o que é lutar, o que é lealdade, o que é ser americano. É assim que vocês tratam as pessoas que serviram o país? Foi por isso que ele lutou? Para que vocês fiquem aí sentados tentando sujar o nome dele? Tentando jogar lama em cima dele todo? É isso, a América? É isso que você chama lealdade? O que *you* fez pela América? Colunas de fofoca? Isso é muito americano? Meu pai tem princípios, princípios americanos decentes, e você não tem nada que vir tentar destruir meu pai. Ele vai para a escola, dá aula para crianças, trabalha o melhor que pode. Vocês deviam ter um *milhão* de professores feito ele. O problema é esse? Ele é bom demais? É por isso que vocês têm de contar mentiras sobre ele? *Deixem meu pai em paz!*'

"Ao ver Grant calado, sem responder, Lorraine gritou: 'Qual é o problema? Você tinha tanta coisa para falar quando estava ali em cima na tribuna e agora parece que um gato comeu sua língua? Sua boquinha ficou bem fechada...'. Nesse ponto

segurei a mão dela e disse: ‘Já chega’. Aí ela ficou zangada comigo. ‘Não, *não* chega. Não vai chegar nunca, enquanto eles não pararem de tratar você desse jeito. Será que você não vai dizer *nada*, senhor Grant? É isso, a América? Ninguém diz nada na frente de quem tem catorze anos? Só porque não voto, é esse o problema? Pois bem, nunca vou votar em você nem em nenhum dos seus amigos nojentos!’ Ela começou a chorar e foi nesse momento que Grant me disse: ‘O senhor sabe onde me encontrar’, sorriu para nós três e partiu para Washington.

“É assim que acontece. Eles fodem a vida do cara e depois dizem: ‘Você teve sorte porque quem fodeu com a sua vida fui eu, não o honrado cavalheiro da Califórnia’.

“Nunca o procurei. O fato é que minhas crenças políticas eram muito localizadas. Nunca se inflaram como as de Ira. Nunca me interessei pelo destino do mundo, como ele. Eu estava mais interessado, do ponto de vista profissional, no destino da comunidade. Minha preocupação não era tanto política como econômica, eu até diria sociológica, em termos de condições de trabalho, em termos da posição social dos professores na cidade de Newark. No dia seguinte o prefeito Carlin disse à imprensa que gente como eu não devia estar dando aula para nossos filhos, e o Conselho de Educação abriu inquérito contra mim por conduta imprópria para um professor. O superintendente percebeu que aquilo era sua justificativa para se livrar de mim de uma vez por todas. Não respondi às perguntas de um órgão legítimo do governo, portanto, *ipso facto*, estava incapacitado de lecionar. Eu disse ao Conselho de Educação que minhas crenças políticas não eram relevantes no que dizia respeito a ser professor de inglês no sistema escolar de Newark. Só havia três motivos para minha exoneração: insubordinação, incompetência e indignidade moral. Aleguei que nada disso se aplicava ao meu caso. Ex-alunos se apresentaram ao inquérito do Conselho para testemunhar que eu nunca tentara doutrinar ninguém, nem em sala de aula nem em nenhum outro lugar. Ninguém no sistema escolar jamais me vira tentando doutrinar ninguém, a não ser quanto ao respeito pela língua inglesa: ne-

nhum dos pais, nenhum dos alunos, nenhum de meus colegas. Meu ex-capitão no exército testemunhou a meu favor. Veio lá do forte Bragg. Uma coisa que impressionou.

“Gostei de vender aspiradores de pó. Havia pessoas que atravessavam para o outro lado da rua quando me viam vir pela calçada, até pessoas que talvez se sentissem envergonhadas de fazer isso, mas que não queriam ser contaminadas, porém eu não me incomodava. Tinha muito apoio do sindicato dos professores e muito apoio externo. Vinham contribuições, tínhamos o salário de Doris, e eu vendia meus aspiradores de pó. Encontrava pessoas de todas as áreas de atividade; travei contato com o mundo real, fora da esfera do ensino. Sabe, eu era um profissional, um professor secundário, lia livros, ensinava Shakespeare, fazia com que as crianças analisassem frases, memorizassem poemas e gostassem de literatura, e achava que nenhum outro tipo de vida valia a pena. Mas fui vender aspiradores de pó e adquiri grande admiração por um monte de gente que conheci, e até hoje sou grato por isso. Acho que tenho uma visão melhor da vida por causa disso.”

— Mas imagine que a justiça não o reempossasse. Mesmo assim, teria uma visão melhor da vida?

— Se eu tivesse perdido? Acho que teria vivido direito. Acho que teria sobrevivido intacto. Talvez guardasse algumas mágoas. Mas não creio que meu temperamento fosse afetado. Numa sociedade aberta, por pior que ela seja, sempre existe saída. Perder o emprego e ver os jornais chamarem você de traidor são coisas muito desagradáveis. Mas não se trata, ainda, de uma situação que abranja tudo, como seria com o totalitarismo. Não fui posto na cadeia, não fui torturado. Nada foi negado a minha filha. Meu meio de vida me foi tirado e algumas pessoas pararam de falar comigo, mas outras me admiravam. Minha esposa me admirava. Minha filha me admirava. Muitos de meus ex-alunos me admiravam. Diziam isso abertamente. E pude abrir uma ação judicial. Tinha liberdade de movimentos, podia dar entrevistas, arrecadar dinheiro, contratar advogado, apresentar contestações na justiça. E fiz tudo isso. Claro que você pode

ficar tão infeliz e deprimido que acabe tendo um enfarte. Mas pode procurar alternativas, o que também fiz.

“Agora, se o *sindicato* tivesse fracassado, isso sim, me afetaria. Mas não fracassamos. Lutamos e no fim vencemos. Igualamos os salários de homens e mulheres. Igualamos os salários dos professores da escola secundária e da escola primária. Conseguimos garantir que toda atividade após as aulas fosse, primeiro, voluntária e, segundo, remunerada. Lutamos para ter mais direito a dispensa por razões de saúde. Defendemos cinco dias de folga por qualquer motivo que a pessoa escolhesse. Conseguimos promoção por concurso — em oposição a apadrinhamento —, o que significava que todas as minorias teriam oportunidade. Atraímos os negros para o sindicato e, quando eles cresceram em número, assumiram cargos de liderança. Mas isso foi há anos. Agora o sindicato é uma grande decepção para mim. Virou uma organização que só se dedica a arrancar dinheiro. Pagamento, isso é tudo. O que fazer para educar as crianças — essa é a última coisa que passa pela cabeça de qualquer um. Uma grande decepção.”

— Como foi o horror daqueles seis anos? — perguntei. — O que eles tiraram de você?

— Não creio que tenham tirado nada de mim. Não creio mesmo. Passei um monte de noites sem dormir, é verdade. Em muitas noites eu tinha uma tremenda dificuldade para pegar no sono. Aí o cara fica pensando em tudo quanto é coisa, como é que vou fazer isso e aquilo, o que fazer em seguida, a quem pedir ajuda, e assim por diante. Eu vivia relembando o que acontecera e planejando o que iria acontecer. Mas aí amanhece e o cara se levanta e faz o que tem de fazer.

— Como Ira reagiu ao que aconteceu com você?

— Ah, ficou abatido. Eu diria até que a coisa o teria destruído, se ele já não tivesse sido destruído por tudo o mais. O tempo todo acreditei que ia vencer, e dizia isso para ele. Eles não tinham motivos legais para me despedir. Ira vivia dizendo: “Você está se enganando. Eles não precisam de motivos legais”. Sabia de muita gente que tinha sido despedida e ponto final.